

A QUESTÃO DA CURADORIA E DO DESIGN GRÁFICO EM EXPOSIÇÕES DE ARTE FEMINISTAS

AMANDA MACHADO MADRUGA¹;
LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR²

¹Universidade Federal de Pelotas – mdg.amanda@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luciaweymar@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Curadoria, feminismo e design gráfico são áreas comuns à minha formação e são o foco da dissertação em desenvolvimento intitulada “Curadoria e Design Gráfico: processos de criação em exposições de arte contemporânea feministas”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

No presente resumo visou apresentar a pesquisa onde busco compreender os processos de curadoria em exposições feministas e as suas relações com o design a partir do material gráfico das mostras de arte contemporânea que assumem o movimento social das mulheres como temática. Para isso, procuro refletir sobre o cenário atual dos três alicerces de estudo, quais sejam, curadoria, feminismos e design gráfico; analisar as produções contemporâneas com o foco de interesse, como os trabalhos da profissional Andrea Giunta (à exemplo, Mulheres Radicais, na Pinacoteca em São Paulo, em 2018); e, por fim, elaborar uma exposição e publicação que contribuam para os estudos sobre arte e feminismos.

Encontro suporte nas obras de autoras como Lisette Lagnado (2008) e Cristiana Tejo (2011) ao tratar da curadoria e dos limites da profissão. Para construir as reflexões acerca do movimento feminista as publicações de Heloisa Buarque de Hollanda (2019) e Michelle Perrot (2007) são fundamentais. Quanto ao design, Rafael Cardoso (2012) auxilia no pensamento sobre sua contemporaneidade enquanto Ellen Lupton (2013) articula a atividade entre teoria e prática, apoiando tanto a metodologia quanto a produção gráfica.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em questão é do tipo qualitativa e tem como base revisão bibliográfica para a construção de um corpo teórico auxiliar à produção artística. Para fins de planejamento o trabalho conta com um sumário preliminar que prevê a abordagem de pontos relativos a curadoria, feminismos, design gráfico e prática; encontra-se em curso a elaboração dos históricos e o diálogo entre as especificidades de cada campo. A futura prática projetual repousa sobre o olhar do Design Thinking, uma metodologia que compreende diferentes etapas adaptáveis ao processo criativo de cada projeto. A trajetória possível para a realização da publicação final é a construção de mapas mentais, ou seja, de diagramas que organizam as ideias iniciais; a realização de uma pesquisa visual para o resgate de imagens referenciais ao projeto final; e o uso de um diário visual para o registro do processo criativo. Considero, ainda, testes com uso de *grids* alternativos, o que poderíamos descrever enquanto grades de diagramação desconstruídas que geram apelo visual aos textos de uma publicação, e o uso de

mock-ups, ou seja, de modelos digitais para a experimentação sobre funcionalidade do projeto gráfico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendo como disparador da pesquisa a questão “como a curadoria de uma exposição feminista se constitui em sua identidade visual?”. A partir disso, acolho o pressuposto que identifica a ressignificação de padrões e símbolos nas apresentações artísticas – que possuem a temática do movimento social das mulheres – como modo de conexão entre as partes, isto é, entre arte, público e discurso.

Para dar continuidade ao estudo, motivada pelas colocações acima, inicio com a questão da curadoria e a defino brevemente, com base nas produções de Cristiana Tejo (2011), como a atividade responsável pelo desenvolvimento de uma exposição. Tal campo se ocupa da experiência do público em uma mostra artística e busca construir narrativa e temática consistentes para atingir esse objetivo, tornando-se, assim, espaço propício a discussões contemporâneas, como é o caso da referente ao feminismo.

Nesse sentido, o curador Moacir dos Anjos (2017) expõe seu posicionamento sobre a arte contemporânea como espaço de diálogo que se coloca acima da crise de representação. Dos Anjos afirma que as visualidades concebidas nos dias de hoje não contemplam a múltipla realidade e, muitas vezes, acabam por excluir diferentes mensagens e grupos sociais. O autor argumenta que é preciso abrir espaço para que diferentes discursos possam se reconhecer em lugares acessíveis, como galerias museus.

A argumentação de Dos Anjos (2017) ajuda a justificar a pesquisa ao perceber a curadoria como potencializadora de discursos sociais e como resistência.

De uma arte e de uma curadoria que recusam a naturalização da invisibilidade social de determinadas questões, grupos sociais e entendimentos sobre o mundo. De uma arte e de uma curadoria que resistem à ideia de que as representações dominantes não podem ser questionadas e alteradas. Resistência que é entendida, assim, não como gesto passivo frente a uma força que acua, mas, paradoxalmente, como postura ativa de transformação (ANJOS, 2017, p.112).

Contudo, reconheço a tênue linha que existe entre as narrativas e as maneiras como as quais são contadas porque uma exposição acontece com a participação de três agentes, o artista, o profissional responsável pela curadoria e a instituição que abriga a mostra. Ou seja, é preciso considerar as diferentes variáveis existentes no processo de criação curatorial e, então, compreender a necessária habilidade de mediação.

A curadora e pesquisadora Suely Rolnik (2017) vem ao encontro dessa questão ao apontar um possível caminho. A autora destaca as possibilidades de articulação pertencentes à curadoria em uma montagem e entende que a variante desse papel está no discernimento entre o que é, ou não, negociável.

Portanto, é perceptível a potencialidade da curadoria uma vez que partilha com a arte e com causas sociais, como o feminismo, e ressignifica discursos sob as bases de dignidade e respeito dando voz a narrativas que precisam ser ouvidas. A pesquisa encontra-se nesse ponto o qual identifica as possibilidades de um projeto curatorial e caminha, de mesmo modo, para o reconhecimento do movimento feminista e do design gráfico. Após a compreensão dos papéis desses diferentes agentes passo, a seguir, a expressá-los em exposição e publicação futuras.

4. CONCLUSÕES

Penso a curadoria como ponto de intersecção em áreas afins da minha formação, como o feminismo e o design gráfico. Ao explorar a potencialidade existente em cada campo admito a possibilidade de multiplicar seus saberes a fim de contribuir para a construção de um conhecimento que fortaleça mulheres bem como enriqueça a arte e o design. Projetar uma exposição sob a perspectiva da resistência e da revolução dos movimentos sociais é assumir um papel fundamental na arte contemporânea: o de dar voz a discursos não só necessários, mas também urgentes. Assim, a arte cumpre o objetivo de desenvolver o senso crítico afinal, como afirma Moacir dos Anjos (2017, p. 125), “é justamente por serem interdisciplinadas que a arte e a curadoria desobedientes terminam, paradoxalmente, por educar”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Moacir dos. Arte, curadoria e crise de representação. *in* ALBUQUERQUE, Fernanda; MOTTA, Gabriela (orgs). **Curadoria em artes visuais: um panorama histórico e prospectivo**. São Paulo: Santander Cultural, 2017, p. 107-127.
- CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- LAGNADO, Lisette. As tarefas do curador. **Revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina**. Ano 1. V. 1. São Paulo: FASM, 2008, p. 8-19.
- LUPTON, Ellen. **Intuição, ação, criação**. Graphic Design Thinking. São Paulo: GG Brasil, 2013.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROLNIK, Suely. O saber-do-corpo nas práticas curatoriais - driblando o inconsciente colonial-capitalístico. *in* ALBUQUERQUE, Fernanda; MOTTA, Gabriela (orgs). **Curadoria em artes visuais: um panorama histórico e prospectivo**. São Paulo: Santander Cultural, 2017, p. 47-76.



TEJO, Cristiana (coord.). **Panorama do pensamento emergente**. Porto Alegre:
Editora Zouk, 2011.